



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

JUVENTUDE, SEXUALIDADE E FESTAS: FORMAS DE SOCIABILIDADES EFETIVADAS POR JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Carine Lavrador de Farias

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF).

Email: carine.farias@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa visou compreender a relação entre a vivência da juventude e as práticas afetivo-sexuais, focalizando as formas de sociabilidade juvenil, sobretudo aquelas efetivadas por estudantes universitários. O estudo foi realizado em Campos dos Goytacazes - RJ. Recorreu-se a observação participante, por permitir atingir dimensões não evidenciadas nos momentos de interlocução direta, e a entrevista em profundidade, buscando acessar os valores e os sentidos viáveis ao entendimento do ethos estudantil. Ao considerar o período estudantil, indagou-se se e como os valores religiosos influenciaram o estabelecimento das convivências e interações afetivo-sexuais estabelecidas pelos estudantes no novo espaço de moradia, em contraposição à casa familiar. Portanto, questões como sobrevivência material, festas e sexualidade integram o campo de possibilidade da experiência juvenil.

Palavras-chave: Juventude; Sexualidade; “repúblicas estudantis”

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a experiência da juventude, tendo como foco as festas e as práticas afetivo-sexuais a fim de compreender as formas de sociabilidade juvenil (ou juvenis) entre estudantes universitários (evangélicos, católicos e pertencentes ao candomblé e umbanda) residentes em “repúblicas estudantis” com base em dados obtidos em pesquisas anteriores com os alunos da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ (Farias, 2010; Blanc, 2007 e 2009). Apesar de abranger um amplo grupo de jovens, o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

foco deste artigo recai, sobretudo sobre aqueles que, durante a realização da coleta de dados, integravam moradias coletivas ou “repúblicas estudantis”.

A partir de tais pressupostos, foram estabelecidas as categorias *sexualidade*, *juventude* e *sociabilidade* como foco de análise para a elaboração deste artigo.

As “repúblicas estudantis” analisadas são moradias formadas por estudantes com idade entre 17 e 25 anos, matriculados nos cursos de graduação e de pós-graduação podendo ser constituídas somente por integrantes do sexo masculino e do sexo feminino ou mistas, isto é, por integrantes do sexo masculino e feminino. As “repúblicas” correspondem moradias que muitas vezes também se caracterizam como um ambiente de estudo, estabelecimento de novas e manutenção de antigas relações sociais, configurando um espaço de sociabilidade rico e diverso.

Pôde ser observado que os estudantes da UENF residentes de moradias coletivas têm ampliadas as suas possibilidades de experimentação e constituem um específico modo de vida. A especificidade do contexto analisado dá-se por diferentes fatores. A vida na “república” coloca questões como sobrevivência material, sexualidade, sociabilidade e religião, podendo ser analisadas como integrantes do campo de possibilidade dessa experiência juvenil. Apesar de, em sua maioria, dependerem do suporte financeiro familiar para manterem-se em Campos dos Goytacazes, a relação estabelecida por esses jovens entre si, dentro e fora das “repúblicas”, com os demais moradores de campos, e com a própria instituição de ensino, os permitem legitimar uma auto-imagem baseada não na autonomização de seus direcionamentos, mas numa suposta independência (Blanc, 2009).

Ao mesmo tempo, o afastamento geográfico do núcleo familiar implica em um afrouxamento da autoridade paterna que, conjugado a dinâmica coletiva de moradia permite não somente essa resignificação da noção de autonomia lida por esse jovens como independência, como também favorece uma vivência da juventude peculiar (Blanc, 2009). Neste sentido, nos atemos às vivências religiosas no novo contexto, contexto este caracterizado pelo restabelecimento das redes de sociabilidade juvenis.

A utilização do método da observação participante permitiu atingir dimensões destacadas ou nem sempre evidenciadas nos momentos de interlocução, possibilitando compreender as ações e as idéias vigentes entre os jovens acompanhados. Tal



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

empreitada integra o exercício antropológico de compreensão dos fenômenos humanos que, segundo Geertz (1978), o antropólogo, ao adotar a observação e a escrita antropológica, não deve somente descrever um fato, mas interpretá-lo. As descrições devem ser encaradas em termos das interpretações das ações, das experiências, incluindo as idéias dos indivíduos.

A observação também proporcionou apreender elementos colocados por encontros realizados por jovens universitários em suas atividades cotidianas ou em atividades não ordinárias. Isso viabilizou formular um conhecimento, pois, conforme Velho, “para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo” (1999:123). Entendemos que os eventos organizados por estudantes, se habituais ou não, caracterizam diversos locais e envolvem a apropriação de equipamentos e espaços públicos nos quais podem ser encontradas diferentes possibilidades de encontro e sociabilidade (Magnani, 2007).

As relações afetivas entre os jovens

Devo enfatizar se os jovens universitários, residentes em “repúblicas estudantis” estabeleceram outros sentidos para as suas relações de afeto, no caso, as amorosas, destaco a questão da virgindade e castidade. Isto é, o tema sexo é colocado com o estabelecimento de estados de diferenciação. Fala-se em sexo antes ou após do casamento entre os estudantes católicos, evangélicos e pertencentes à umbanda e ao candomblé. Também destaco que a “espontaneidade dos entrevistados” em suas respostas desvelou o exercício da sexualidade, de envolvimento afetivos, usos e opiniões sobre métodos preventivos.

Alguns estudantes revelam o afastamento de seus grupos religiosos, bem como falaram de suas afetividades, de envolvimento amoroso e sexual, ressaltando opiniões acerca de métodos preventivos. Outros preferiram não falar e de certa forma desconversaram sobre tais indagações, principalmente os estudantes evangélicos como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Maria¹, 23 anos, graduanda em Ciências Sociais, pertence à Igreja Batista de Campos dos Goytacazes; Laís, 23 anos, branca, graduanda em Pedagogia, também pertencente à Igreja Batista de Campos dos Goytacazes e Fernando, 19 anos, graduando em Ciências Sociais, branco, pertencente à Igreja Batista de Bom Jesus do Itabapoana. Estes entrevistados, diante das perguntas realizadas, apresentaram respostas curtas, evitando responder indagações sobre sexualidade, contribuindo para que eu ficasse em dúvidas se estariam lidando como perguntasse denunciando um discurso com respostas prontas, ou seja, respondiam somente aquilo que qualquer pessoa pensa que um evangélico responderá. Isto é, na maioria das vezes, parecem falar de acordo com as normas da Igreja e seguindo sempre o que é cobrado e exigido por seu grupo religioso. Cito algumas respostas não somente por explicitarem a vigência de um discurso “pronto”, baseado naquilo estabelecido pela igreja, mas porque permitem perguntar se também a frequência e o pertencimento ao contexto universitário não contribuem para (re)elaborações de opiniões e de práticas pertinentes a diversas áreas da vida, inclusive a afetivo-sexual.

A partir das entrevistas dos jovens evangélicos podemos relacioná-los na questão da virgindade e castidade, pois ao serem indagados com relação à sua primeira experiência sexual, e se acompanham discussões sobre prevenção. A partir desses pontos, destaco o depoimento de Geovana, 22 anos, evangélica, negra, estudante de biologia, moradora da república “Gloss”, responde:

Nunca aconteceu, pois acho que não chegou a hora ainda. Eu ouço falar em jornais e também tenho amigas que já tem um relacionamento sexual, então eu já ouvi falar sim. Eu acho certas sim campanhas sobre prevenção até porque hoje em dia isso já é normal tem que se prevenir mesmo. Mas a Igreja não fala exatamente sobre esse assunto eles não falam até porque eles não aceitam um casal se relacionar antes do casamento.

E James, 18 anos, estudante de engenharia, também evangélico:

Não, eu não me preocupo muito com isso. Porque o que eu acho a respeito de sexo é que deve acontecer mesmo após o casamento, então não tenho muito interesse. Na ABU a gente costuma sim a aconselhar, mas sobre namoro não, pois o namoro nós da Igreja evangélica vimos como um fato consolidado, as pessoas acham que você já tem aquela opinião de namorar na hora certa e com

¹ Os nomes foram substituídos com a finalidade de preservar as identidades dos entrevistados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a pessoa certa. Mas o aconselhamento que a gente tem lá e mais sobre a amizade e como transmitir o valor de Deus e como falar de Deus para as pessoas e como que a gente age na frente das pessoas e sobre as nossas atitudes perante as outras pessoas.

A partir disso, verificamos que para os jovens evangélicos, inclusive aqueles que freqüentam a ABU (Aliança Bíblica Universitária), o depoimento sobre a relação sexual ser praticada somente após o casamento é recorrente, tanto que os jovens evangélicos entrevistados afirmaram que ainda não perderam a virgindade. Neste caso, há um destaque dado ao tempo, isto é, a trajetória é constituída por práticas e valores não sendo necessário falar para os jovens evangélicos durante as reuniões dos grupos religiosos de algo que não aconteceu como, por exemplo, as práticas sexuais. Por esse motivo, é comum que as igrejas em um modo geral – evangélicas e católicas - se preocupem em ocupar praticamente todo o tempo livre de seus fiéis com atividades da igreja, para que nada nem ninguém possam vir a “desviá-los” do caminho da salvação (Andrade, 2005). Por isso, que assuntos sobre prevenções não são discutido em reuniões da ABU, e muito menos no âmbito religioso, por ser um fato consolidado na igreja que freqüentam como afirma um dos entrevistados: “Isto já é visto como um fato consolidado em nossa Igreja, não há porque falar de prevenção e uso de camisinha se nossa Igreja não concorda com tudo isso”.

Sobre a discussão de temáticas sexuais ou preventivas no grupo de oração, destaco outro momento, pois outro estudante ainda afirma que este assunto pode vir a ser um pouco constrangedor ao ser discutido em uma das reuniões da ABU:

Eu acho que vai ficar um pouco constrangedor, mas eu acho que poderia falar sim, mas o problema é que vão pessoas de fora que vão lá visitar as reuniões e de repente deve fica um pouco complicado tocar neste assunto.

Neste caso, cito Giddens (2005:431), que pautado em Durkheim, afirma:

Aqui, podemos aproveitar a distinção feita por Durkheim entre o sagrado e o profano. Quanto mais as atividades religiosas ficarem padronizadas, um tema que volta a ser encarado irrefletidamente, mais se perderá o elemento do sagrado, e o ritual religioso e a crença acabarão assemelhando-se a componentes mundanos do mundo cotidiano.

Isto é, entendo que assuntos sobre prevenções não são discutidos em reuniões da ABU, pois estes locais são considerados como um espaço sagrado, isto é, local onde são encontrados elementos com forte presença de Deus. Caso estes locais passam a se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

padronizar mais perderão o elemento do sagrado, ou seja, poderão se tornar locais voltados a assuntos e ações – como prevenção de gravidez e doenças - relacionados ao mundano, não expressando a palavra de Deus, por exemplo.

Todavia, observo que os depoimentos explicitam interesses sobre sexualidade. Mesmo que os jovens evangélicos estejam solteiros e ainda não tenham tido a primeira relação sexual, pois ainda não casaram – como afirmam -, estes percebem a necessidade de discussões sobre prevenção, uso de camisinha, doenças, etc. Para os jovens de outras religiões, isto é, para os não evangélicos, ou até mesmo aqueles que não possuem nenhum tipo de vínculo religioso – já que é significativo o número de declarantes de não ter religião, conforme apresentado anteriormente- o tema da prevenção é presente. Ou seja, para os estudantes entrevistados, sobretudo os evangélicos, a validade de seguir as normas da Igreja é destacada, porém acham necessárias a divulgação e prevenção para os jovens de outras religiões, devido ao aumento de doenças e de gravidez entre todos os jovens atualmente. Portanto, não afirmam a prática de relações sexuais antes do matrimônio, mas entendem a importância do acesso à informação e ao debate por causa daquilo que pode ser visto como risco ou dano: doenças e gravidez. Com vistas a inibir o risco, o acesso à informação é algo contemplado, porém não significa o fim do controle sexual dos jovens.

Neste caso, vimos que o fato do estudante evangélico vir a residir em “república estudantil” não interferiu em seus vínculos atribuídos às normas e regras de sua Igreja a qual começou a freqüentar antes de sair de seu âmbito familiar. Como podemos ver estes jovens além de darem continuidade as práticas religiosas ainda passam a adquirir uma prática extensiva dos trabalhos de evangelização como, por exemplo, dar início a sua participação no grupo religioso – ABU.

Os depoimentos coletados possibilitam visualizar que entre os estudantes evangélicos existem considerações acerca da relação sexual antes do casamento. Falas como, por exemplo, de James, Geovana e Fernando (jovens evangélicos) indicam para um modo de organizar e explicar o mundo. Sobre isso, contribui a reflexão de Geertz (1978), que ao falar em *ethos* e visão de mundo, explicita a dimensão moral, ficando isso evidente com os entrevistados. E isto que observei nos jovens citados, eles enfatizam traços, falas e gestos distintos, particulares, diferentes de jovens de outras religiões. Para Geertz, são características de sensibilidade refinada a pequenas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mudanças do estado emocional, tanto de si mesmo como dos outros, e numa predicabilidade de comportamento estável.

Já em relação aos jovens católicos entrevistados, percebi que estes passaram a apresentar laços mais fluidos com as regras e normas de suas Igrejas, as quais praticavam antes de vir a residirem em “repúblicas estudantis”. Mesmo “convencidos” de todo o discurso em torno da parte afetiva e sexual, a maioria dos jovens católicos entrevistados romperam essa barreira, como será citado logo em seguida. Isto foi constatado através das entrevistas e ao serem indagados sobre sua primeira relação sexual e discussões sobre prevenção, como já foi indagado aos jovens evangélicos, os jovens católicos enfatizam a “liberdade” e a associam com o exercício da sexualidade. Nas palavras de José:

Acho que perder a virgindade com alguém que não seja da sua Igreja não interfere em nada. eu nem fiz força para que acontecesse com alguém da minha Igreja. E se fosse para acontecer, teria acontecido, quando eu vim para cá eu passei a ter muito mais liberdade.

E Evelyn, também católica:

Perdi minha virgindade quando vim morar longe dos meus pais, não porque eles proibiam, mas é porque passei a ter mais liberdade e fazer o que quiser. Nas nossas reuniões do grupo jovem eram voltadas em temas, e essas reuniões aconteciam nos domingos antes da missa, então a gente pegava o boletim da Igreja antes da missa e tirávamos o tema para reunião da semana. Já discutimos várias vezes sobre nossa fé e a nossa base era a pastoral da família, eu não me recordo que algum dia tenha sido sobre gravidez, sexo ou camisinha, pois eu frequentava esse grupo a mais de dez anos atrás.

A partir do que foi ressaltado e através dos depoimentos destacados sobre a discussão sobre sexualidade, namoro, liberdade, etc, relatei que as vivências sexuais dos jovens, em alguns casos, trazem certas problemáticas. Tais problemáticas têm tido destaque nos veículos de comunicação de massa, o que pode ser percebido em diversas reportagens que tratam do assunto, campanhas, artigos acadêmicos, entre outros (Rosistolato, 2007). Principalmente no Brasil, enquanto a juventude é socialmente apresentada como sinônimo de liberdade e que residir em “república estudantil” ainda é um *tabu*, para a maioria dos pais que possuem filhos residindo nestas moradias universitárias. Isso se deve porque o fato de o jovem morar em “república” traz consigo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

novas vivências e também a liberdade de fazer o que quiser e na hora que preferir sem a interferência de um adulto ou responsável (Blanc, 2006). Todavia, o cotidiano destes jovens é, muitas vezes, interpretado pelos pais como de uma forma diferente do que realmente o jovem vivencia. Entretanto, de certa forma, esses pais se vêem obrigados a “dar crédito” ao filho já que este passou no vestibular, acabando por incentivar a sua vinda à universidade e a residir em “república”. Mesmo que os jovens passem a ter mais liberdade, estes adquirem novas responsabilidades que são tomadas como obrigações e deveres por parte da vivência em “república”. Por mais que estes jovens estejam longe de seus pais, não deixam de ter obrigações relacionadas à universidade e principalmente ao cotidiano como, por exemplo, fazer comida, lavar a roupa, arrumar a casa, entre outros.

Enfatizando a sexualidade e a juventude, tomando como base um perfil de estudantes universitários, aponto um aspecto colocado pelos entrevistados que afirmam ser católicos e pertencentes do candomblé e da umbanda. Por um lado, estes jovens revelam aspectos positivos do comportamento sexual dos jovens, como a busca por mais conhecimento, através da mídia, “bate papo” entre amigos, entre outros. Por outro, estes jovens católicos e pertencentes do candomblé e da umbanda indicam iniciar a vida sexual mais cedo do que os jovens evangélicos, que dizem perder a virgindade após o casamento. Aqueles (jovens católicos e pertencentes do candomblé e da umbanda) dizem não se importarem com a castidade, a virgindade e suas condutas perante sua religiosidade e também disseram ter diminuído a frequência à igreja desde sua vinda para a universidade. Entretanto, os estudantes católicos, mesmo criando vínculos mais fluidos em seu âmbito religioso, afirmam que ao retornarem as suas casas, em feriados, finais de semanas e até mesmo nas férias, acompanham os familiares e amigos à missa ou a te mesmo a participarem de algum evento direcionado a sua Igreja Católica, afirma Evelyn:

Na maioria das vezes quando vou para casa, vou à missa com a minha mãe, porque ela até hoje organiza eventos lá, então acabo indo e também é uma forma de encontrar meus amigos da cidade que também são católicos, e na verdade de vez em quando sento falta.

Mesmo que os estudantes católicos residentes em “repúblicas estudantis” afirmem que ainda freqüentam a igreja apenas quando estes retornam a casa dos pais,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

como Evelyn destacou acima, estes estudantes também criam laços mais fluidos com as normas e regras da igreja que freqüentavam assiduamente. Como exemplo, a castidade, pois mesmo que seja um preceito religioso católico, percebi que, para eles, após a vinda para a universidade e, conseqüentemente, morar em “república”, isto não é mais um fato consolidado. O relativo distanciamento do grupo familiar, do controle exercido, após a vinda para a universidade, possibilitou que certas regras, seguidas antes do distanciamento do âmbito familiar, fossem “quebradas”. Isso pode acontecer com o estabelecimento de novas relações de afeto, como por exemplo, o namoro, sendo a perda da virgindade (isso é colocado por entrevistados do sexo feminino e masculino) um ponto muito destacado. Não estou dizendo que as companhias são danosas como diz o ditado: “quem se mistura com porco...” Entendo que o momento de vida universitária é demarcado por conhecimentos acadêmicos adquiridos, bem como por experimentos que pontuam o conhecimento do mundo e de si.

Conta também o afastamento de seu grupo religioso, às vezes menos pronunciado, às vezes mais marcado, com a vinda para a universidade, ou seja, estes jovens acabam gerando uma reelaboração de suas referências, uma desconstrução. Isso pode ser pensado a partir da discussão sobre fragmentação do sujeito (Giddens, 1993). Isto é constatado, pois os indivíduos que possuem experiências afetivas na vida contemporânea experimentam relações que alargam a esfera de vínculos para além da família e da rede de amigos (Brandão, 2004). E é exatamente isto que averiguo a partir dos depoimentos e da observação para/com estes jovens analisados residentes em “repúblicas estudantis”.

Algumas considerações

Para Scott (2004), os jovens graduandos estão num processo intenso de estabelecer redes sociais e adquirir habilidades e conhecimento que possam orientar as suas vidas. Isso pressupõe estar atenta e levar em conta as representações destes jovens pesquisados, de forma a elaborar um modelo explicativo mais abrangente. Ao mesmo tempo, os jovens de hoje parecem viver uma nova vida nas relações entre valores da sociedade moderna, como por exemplo, a individualização, a capacidade de escolha e de viver essa escolha (Novaes, 2005). Este artigo apresenta-se como uma proposta de se pensar a experiência de entrada na universidade, em especial envolvendo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

o afastamento geográfico do núcleo familiar e a formação de moradias coletivas, e a relação entre as experiências colocadas a partir do novo contexto e as práticas afetivo-sexuais entre os jovens universitários.

É preciso considerar a circulação em espaços laicos e como esses contribuem para ampliar a rede relacional e conseqüente proporcionar novas experiências. De uma forma geral, ocorrem mudanças aos serviços religiosos dos jovens devido à nova rotina, com outras obrigações e outros afazeres direcionados ao lazer, a universidade, a casa, o cotidiano, entre outros. E com isso passaram a adquirir laços mais fluidos com a igreja. Isso explicita que as trajetórias individuais não são lineares, elas mudam conforme os contextos, as experiências individuais.

O trabalho de campo e as entrevistas realizadas evidenciaram as tensões pertinentes a religião, sociabilidade e juventude. Pode-se observar que os moradores de “repúblicas” terminavam por ter vínculos mais fluídos com os seus grupos religiosos. Por sua vez, alguns dos jovens residentes ou não com os familiares terminavam por apresentar relação mais consistente com o grupo religioso.

Entre os estudantes católicos, os pertencentes ao candomblé e a umbanda pude entender ser mais fluída a relação com a esfera religiosa e, por sua vez, a afirmativa de vivências de experiências afetivo-sexuais. Diferentemente, a participação dos jovens evangélicos no ambiente universitário é caracterizada por uma prática extensiva dos trabalhos de evangelização, configurando a concepção de transformação do espaço secular. Isso torna o espaço da universidade algo não tão distante daquilo que integra o familiar e configura também o tempo livre: a religião. Nesse caso, o exercício da sociabilidade não inclui distanciar-se de valores religiosos e familiares.

A metodologia utilizada nas pesquisas que serviram como base ao desenvolvimento deste trabalho viabilizou compreender “quanto”, “como” e “quando” o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração. Isso também possibilitou refletir sobre as escolhas e as identidades religiosas em diferentes áreas da vida social (Novaes, 2005), evidenciando a importância de investigar os modos e práticas que indicam as possibilidades da vida de graduando e que integram a construção de juventudes.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Alenice Maria dos Santos. Surfistas de Cristo um estudo da sociabilidade juvenil. São Paulo. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da USP, 2005.

BLANC, Manuela. Ampliando horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas. Monografia em sociologia, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006.

_____. Desafio de vir a ser: Jovens universitários, moradias coletivas e identidades. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2009.

FARIAS, Carine L. Religião e Juventude: Sociabilidades entre jovens em “repúblicas estudantis de Campos dos Goytacazes. Monografia em antropologia, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Ethos, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.) Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamento: a religião faz diferença? In: Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Gráfica, 2005, p. 263- 290.

_____. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos. Notas preliminares. Revista Estudos Avançados, 18, 52, (2004): 321-330.

PINHEIRO, Márcia. Juventude, experiências musicais e religiosidade, 2008.

SANTOS, Edmilson Santos e MANDARINO, Claudio Marques. Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer. Revista de Estudos da Religião Nº 3 / 2005 / pp. 161-177

SCOTT, Russell Parry. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. Caderno CRH, salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, set./dez. 2004.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. RJ: Zahar, 1999, p.121-132.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina